

# Acerca da formação dos mestres e doutores

Jorge Olímpio BENTO\*

\*Faculdade de Desporto, Universidade do Porto - Portugal.

*Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos (Mark Twain).*

## Introdução: testemunho e propósito

O livro da vida da pós-graduação na EEFÉ-USP apresenta já trinta capítulos completos. Por certo os textos até agora redigidos não foram todos escritos com palavras de sabedoria. Porquanto a palavra sábia carece de ser tecida com fios muito finos e leves que levam longo tempo a ser elaborados. E é ainda relativamente curto o tempo que foi dado à instituição para aprender a cerzir, pontear, ligar e rematar. Porque há um tempo para o crescimento e outro, não menos longo, para o amadurecimento. Um tempo para o conhecimento e outro para a sabedoria.

Mas posso dar testemunho de que bem cedo, como por milagre, encanto ou magia, brotou das suas mãos o condão de transformar grosseiros panos de surrobeco e burel em tecidos de seda e de alvíssimo linho de cambraia. Para enroupar um corpo que crescia sem descanso, ora engrossando o tronco, ora alongando as pernas e esticando os braços para além do espaço consentido.

Sim, é do corpo do Homem, da sua edificação e exaltação que a EEFÉ-USP se ocupa. Da coreografia dos seus gestos. Do acerto das suas funções, do sentido e leveza das suas aspirações. Do corpo real e virtual. Do corpo feito por fora e por dentro, à medida do desejo e da necessidade. Do corpo que terá sempre algo a menos, pedindo uma prótese a mais. Assumindo a razão de Terêncio<sup>1</sup>, de que nada do que é humano lhe é estranho: quer aquilo que se exprime em altura espiritual, quer aquilo que nos prende à terra. E tendo na lembrança a utopia do corpo belo e ágil dos atletas gregos, pintado em vasos e ânforas, esculpido no mármore branco de Poros e coroado de *areté* por oráculos, filósofos e poetas. Sem olvidar o corpo romano, dos gladiadores no Circo Máximo (tão fustigado pelas sátiras de Juvenal!)<sup>2</sup>, de Galeno e dos banhos e massagens nas termas de Caracala<sup>3</sup>. O corpo místico, asceta e penitente dos cristãos e dos santos da

Idade Média. O corpo-máquina, de Leonardo Da Vinci e de Vesálio<sup>4</sup>. O corpo vítima de sevícias e opressões. Os corpos diversos que o corpo de todos e cada um encerra na sua dialéctica de constância e mutabilidade, quer numa radiografia diacrónica, quer num olhar sincrónico.

É, pois, do corpo que a EEFÉ-USP cuida, atenta ao Homem-*Todo*. Do corpo como estrutura de viver e cumprir os ritos de existir, no dizer de Carlos Drummond de Andrade. Do Ego corpóreo como tatuagem da alma e anatomia do nosso destino. Do corpo desportivo, essa admirável dimensão do Ser transcendente, essa eloquente concretização da razão de existir e do sentido da vida, esse excesso e esgotamento, humildemente tentativos, do campo do possível. Do corpo construído por sucessivas formas de elevação e assente em colunas de sublimidade, como um templo sonhado pela nossa imperfeita perfeição. Do corpo inatingível, que é por isso um desafio e um impossível necessário. Hoje e sempre!

Labora num espaço de fronteira entre a mente e o corpo, no ponto de encontro e da harmonia do espírito e da matéria, cuidando de os juntar e somar na taça transbordante da Vida. Ocupa-se da internalização, da apropriação e projecção de símbolos e ideais, conceitos e preceitos, princípios e valores, normas e grandezas, direitos e deveres, ilusões e utopias que convidam para o esforço severo, incansável e sistemático de projectar a nossa natureza, nomeadamente o corpo, contra si própria, para além e acima de si mesma, visando anular as fronteiras entre a alma e o mundo exterior. E assim participa na construção de identidades e de pessoas cujo *Superego* é um *espírito incarnado*.

O seu grande projecto é, portanto, o Homem. Não apenas como um corpo com alcance e aptidão

intelectual. Mas como um Todo, em que cada uma das partes desempenhe um papel e uma função essenciais. Um Homem completo e realizado, sem sentimentos enlatados, que saiba olhar, entender, sentir e usar livremente cada um dos seus talentos. O mesmo é dizer que ela cuida do cumprimento do dever do aprimoramento ético e estético de cada homem, nomeadamente de cada um dos quadros que nela se formam. Como método de os afeiçoar a ideais superiores de vida e cidadania, como o contido no lema olímpico *Citius, Altius, Fortius!* Por certo com insuficiências e fraquezas, mas também com as virtudes do entusiasmo e da generosidade bastantes para dar flores ao presente e frutos ao futuro.

Ao fazer o balanço do passado, com a finalidade de visualizar janelas, desafios e perspectivas para o amanhã, somos obrigados a reflectir sobre a missão

## Da lei da mudança

“Tudo se encontra em estado de mudança. Nada fica como está. Nós não buscamos a permanência” - eis um axioma que provém da antiguidade clássica e continua pleno de vigor na actualidade. O tempo - todo o tempo - impõe reflexões, reformas e mudanças em todas as esferas da vida. Por isso mesmo o espaço universitário, sendo por definição uma acrópole varrida pelo vento refrescante da abertura e renovação das ideias, não deve deixar-se atrair pela mistura sedutora de astúcia e cinismo com que o imobilismo critica, rejeita e desencoraja toda e qualquer transformação. As instituições, tal como as pessoas, não podem nem devem ser sempre iguais. É no tempo e nos tempos que se forjam, desenvolvem e são provadas. Por não estarem nunca conclusas e terminadas, carecem de mudar e de se transformar, de evoluir e melhorar. É esse o seu destino, é essa a missão que as justifica, qualifica e exalta. São transformadoras na medida em que se transformam.

Por conseguinte precisamos de aprender a abraçar a mudança, não como uma ameaça, mas sim como uma oportunidade e obrigação. Procurando cultivar a humildade desta oração de São Francisco de Assis: “Meu Deus, ajudai-me a mudar o que pode ser mudado, a aceitar o que não posso mudar e a distinguir as duas coisas”. E assumindo também o postulado de Vítor Hugo, de que “os vencedores serão sempre aqueles que inventarem o mundo e não aqueles que se limitarem a responder-lhe”.

da Universidade. A actualizá-la e a renová-la. O que convida a ter bem presentes as razões e finalidades que presidem ao estudo, à formação e investigação na área do desporto e ou da educação física<sup>5</sup>. E a avaliar a forma de cumprimento dessas tarefas.

É com este propósito que venho aqui corresponder ao honroso convite de me associar à celebração do trigésimo aniversário da Pós-Graduação da EEFE-USP. Assumo isto como um contributo e um preito impostos pelo sentimento de gratidão, respeito e admiração para com a instituição e quantos nela exercem o seu labor. E com a convicção de que o ritmo e o sentido da sua caminhada até ao presente dão boas e sobejas garantias para acreditar que ela vai continuar a escrever e acrescentar outros nobilitantes capítulos ao colorido e cativante, valioso e generoso livro da sua existência.

Aqueles que não se conformam ao determinismo e não fogem ao dever de participar na feitura do mundo.

Estamos, pois, intimados a descortinar as linhas de desenvolvimento que se ocultam por baixo de todo o horizonte de sombras e negativismo. E a irradiar entusiasmo, mesmo que o vislumbre de o conseguir seja difícil e remoto.

Nesta conformidade eu desejo que a EEFE-USP não seja sempre igual, que nunca se dê por concluída e satisfeita, que se coloque continuamente desafios e metas, visando uma forma nova e superior. Desejo que não se acomode - e, muito menos, perca - neste tempo! Para tanto é forçoso que eu deseje também que, nesta hora e antes de tudo, a EEFE-USP reflecta acerca da sua missão, daquilo que já é e do mais que quer ser, das ‘coisas’ intangíveis e da medida dos valores humanos e universais em que se revê. Que, em primeiro lugar, fale dos fins que a determinam, da vocação e incumbência que lhe toca cumprir, dos quadros que visa formar. Só depois é pertinente falar de conhecimentos e competências, de instrumentos e meios. Edifícios, laboratórios, acervos bibliográficos, ordenamentos jurídicos etc. são importantes, mas são fugazes, não duram para sempre. Duradoira é a herança recebida e que deve ser reforçada, reavivada e transmitida: o apego a princípios e valores, ao saber e à racionalidade, à reflexão e ao debate, ao uso do pensamento e da razão, ao cultivo da liberdade e da ética, à rejeição do fácil e falso, das ideias feitas, das

ideologias, dos slogans e das palavras de ordem, da manipulação e alienação, do populismo e demagogia.

Não é admissível conceber a Universidade à margem do tempo, isolada e referenciada a si mesma, indiferente à sociedade, aos seus problemas e necessidades. Mas é, do mesmo modo, inaceitável domesticá-la e subordiná-la às corporações e aos interesses que tomaram conta do mundo. Ela deve ser pensada à luz da excelência acadêmica e da relevância social, enquanto instituição com elevado sentido de performance em todos os seus domínios e fins, ao serviço das causas da Humanidade.

Em suma, merece apoio activo tudo quanto sublinhe, enfatize, alimente, fortaleça e engrandeça a missão humanista da Universidade; e deverá contar com a nossa antipatia, igualmente activa, tudo quanto a iluda, diminua, debilite e enfraqueça.

Ademais deve iluminar as nossas reflexões o postulado magistral de Ortega y Gasset (1883-1955): “Eu sou eu e a minha circunstância. Se a não salvo a ela, não me salvo a mim”. Esta não será uma boa circunstância para nós, se a não tornarmos boa para a Universidade, se a não fizermos conforme aos nossos desejos. Logo a EEFE-USP será boa ou má consoante a modelarem os seus professores e estudantes. Eu quero continuar a ter a convicção profunda de que uns e outros não recuarão diante do empreendimento que lhes é confiado, não consentirão que enferruje e feneça nas suas mãos o instrumento de aprimoramento espiritual, racional, cívico, estético e cultural dos cidadãos, que a Universidade consubstancia. Não ficarão quedos e mudos perante uma circunstância que não é boa para a Universidade. Não se acomodarão perante qualquer tentativa tresloucada de malbaratar o património intelectual e moral, nacional e internacionalmente amealhado por esta instituição.

Há algo inevitável e de inegável importância para a melhoria do papel da Universidade: a necessidade de renovar permanentemente os processos de ensino e aprendizagem, as modalidades e focos da formação e os caminhos da sua missão, sob pena de nos mumificarmos. A ênfase renovadora deve cuidar de aumentar o prestígio da tradição e da herança secular e não contribuir para o destruir e sepultar. Podem tentar apoucar-nos com a redução dos orçamentos e com a campanha difamatória movida com o recurso a um aparelho mediático conivente e arregimentado. Mas não terão força suficiente para nos estrangular na garganta o grito de protesto, nascido na consciência das obrigações para com a nossa dignidade, a do país e a de toda a Humanidade. A Universidade tem uma longa história de farol da liberdade, ocupada e incumbida de clarear caminhos; não será agora que

vai capitular e tornar-se cúmplice da escuridão e da passividade. Contando com a nossa lucidez e coragem, ela é capaz de prodígios divinos.

Devo à Universidade a honra culminante de uma vida de obreiro obscuro. Por mais que eu durasse, nenhuma outra teria o fulgor que ela me concedeu, de sair da noite para o dia, da penumbra para a luz, do nevoeiro para o sol, do anonimato opaco para a cidadania esclarecida. Estou, pois, eternamente grato à Universidade. E, por isso mesmo e em nome dela, ousa afirmar que a sociedade em que vivemos está ainda muito aquém da medida humana, aquém do que precisa vir a ser. Também por isto atrevo-me a dizer que as mudanças que estão a ser imprimidas, pelos governos arautos do neoliberalismo, às universidades e outras instituições públicas, não se revêem na medida humana, mas tão somente numa perversão da gestão, ou seja, numa visão distorcida que promove os meios e instrumentos à categoria de fins.

Igualmente as disciplinas científicas estão sujeitas à lei da mudança; carecem de redefinir permanentemente o seu perfil e objecto, as suas tarefas e responsabilidades. Porque os problemas gastam-se e deixam de servir, torna-se necessário formular constantemente novas questões e procurar para elas respostas também novas.

As ciências e os cientistas obrigam-se, portanto, a um esforço de atenção permanente à evolução da práxis humana, à sua dinâmica e mutabilidade. Não lhes é indiferente o passado, mas é sobretudo no olhar apurado sobre a realidade envolvente que reside a possibilidade de participar na construção do futuro. Porque é esta a sua razão de ser e é igualmente essa a função de serventia do presente.

A *lei da mudança* aplica-se, pois, inteiramente tanto na configuração social como na ciência e formação. A construção, a dissolução e a reconstrução de modelos e conhecimentos estão permanentemente na forja. Acresce que o espírito científico e o cerne da formação universitária residem precisamente na recusa de atitudes de defensividade, de passividade e demissionismo. Manifestam-se na audácia de querer construir ofensivamente o porvir, de não ficar à espera que ele aconteça e seja oferecido ou imposto. Na vontade de intervir e participar na feitura da realidade, de não aceitar o determinismo, de incluir a liberdade das opções e decisões no elenco da complexidade de factores determinantes do devir (GODET, 1993).

Nisto enraíza uma *ética de responsabilidade*, particularmente exigente e apertada em tempos como os

actuais, ditos de crise de orientações, de valores e sentidos da vida. Essa ética reclama dos cientistas, dos teóricos e formadores a disponibilidade e a capacidade, o ânimo e a ousadia de desenvolver novos conceitos e categorias para delinear e balizar o rumo do futuro. Com esse labor emprestam e acrescentam uma variedade e riqueza de dimensões e significados à realidade. Ou seja, renovando e inovando perspectivas e teorias, renovam-se a si mesmos e participam na renovação da realidade.

No caso concreto dos especialistas das Ciências do Desporto, a concretização deste desiderato depende da competência para levantar, descrever e esclarecer os problemas emergentes da evolução social. Depende da maneira como os assimilam e com eles se relacionam; depende de um *pressuposto intrínseco*, isto é, da elevação e renovação da sua sensibilidade e qualidade. Como se sabe, é sempre necessária muito mais imaginação para sonhar e apreender a realidade do que para ignorá-la e vê-la em ponto reduzido e pequeno. Mais, a realidade e

o sonho encontram-se a meio do caminho; interpenetram-se e formam um todo sem limites.

Assim a um passado dedicado preferencialmente a enquadrar e teorizar a educação física escolar e o desporto de alto rendimento sucede o presente de um desporto aberto e complexo, portador de uma extensa oferta de problemas e possibilidades de reflexão e investigação. Para tanto os especialistas (mestres e doutores) das Ciências do Desporto devem ajustar-se às alterações ocorridas na paisagem desportiva e atender à sua enorme variedade. Devem voltar-se equilibradamente para todas as fases da vida e para os diversos locais de práticas desportivo-corporais, acompanhando a evolução das necessidades, das questões e interesses que lhes estão associados. Cumpre-lhes ocupar-se do desporto enquanto fenómeno polissémico e polimórfico, isto é, tomá-lo em toda a abrangência e pluralidade dos seus sentidos e formas de expressão; cumpre-lhes aperceber-se da intrincada rede de problemáticas que o desporto directa ou indirectamente levanta e aquelas que o tangem.

## Das circunstâncias e desafios

Quer o percebamos com muita ou pouca nitidez, está em curso a criação de um novo contexto para a vida e concomitantemente para o desporto e para a sua construção pela ciência e pela formação.

Os analistas e críticos dos efeitos perversos da globalização sustentam, de maneira enfática e sobeja, que ela está ampliando o viveiro de incertezas, medos e infortúnios pessoais, decorrentes da destruição da solidariedade e dos laços inter-humanos. A globalização trouxe à tona a “unidade da espécie humana”, traçada por Kundera, deixando claro que o bem-estar de uns nunca é inocente em relação à miséria de outros. À sedutora ideia de “sociedade aberta”, de Karl Popper, corresponde hoje a realidade aterrorizante da maioria da população infeliz e vulnerável, submetida a forças que não entende nem, muito menos, controla. A Caixa de Pandora abriu-se e expôs a humanidade aos ventos de um destino malévolo. Os mesmos críticos advertem por isso para o agravamento das pendências sociais, para o refinamento das formas de exclusão e de aviltamento da dignidade humana (BAUMAN, 2007).

Face a isto, surge a necessidade de uma *revolução axiológica*, sem quaisquer subterfúgios ou artifícios da linguagem. Ou seja, adquirem todo o carácter de

urgência a retomada e a projecção de noções e conceitos do Homem e de comportamentos e estilos de vida capazes de nos tornarem mais parecidos com ele. A educação e todos os seus meios e instrumentos - entendidos como modos de fazer o Homem - carecem de ser repensados sob o primado de uma ética apostada em restabelecer e alargar os círculos da solidariedade, em diminuir as bandas da ignorância moral e do egoísmo.

Por outro lado os especialistas do devir assinalam uma intensificação do ambiente hipercompetitivo, o que já hoje é manifesto. Este fenómeno gera transformações avassaladoras, às quais nenhuma instituição consegue escapar, seja ela uma empresa, uma universidade, o desporto ou a ciência. A sociedade do conhecimento, da tecnologia e da cultura desenha-se no confronto com os ditames de uma nova era, afirmando, entre outras exigências, a supremacia do saber e a criação e inovação de correspondentes padrões de trabalho (BENTO, 1998).

Nesta conformidade a formação, a ciência, a pesquisa e investigação são desafiadas a reformular o seu objecto e a assumir as suas obrigações num quadro deveras complexo. Não poderão escusar-se a atender as necessidades dos diferentes campos da actividade desportiva, tanto dos antigos como dos emergentes, a

tomar nota dos seus interesses e expectativas, a abeirar-se das respectivas organizações e instituições. Deverão respeitá-las e reclamar para si um respeito redobrado, o que implica guardar distância e reforçar a sua atitude e dever de independência e de vigilância crítica, sob pena de perverterem a sua missão e o seu papel. É nesta condição que participam, lado a lado com os outros parceiros, na construção de um desporto melhor, à altura das exigências culturais do tempo, fabricando parâmetros e fornecendo referências indicadoras da via para tal projecto.

A ciência e a formação têm, pois, o ofício de apurar e lançar o olhar sobre a realidade envolvente, mas não numa posição e atitude de neutral exterioridade. Têm que se debruçar sobre o desporto, tal como ele se apresenta actualmente, por força das rápidas e profundas mutações que sofreu nos últimos anos, bem como sobre o ímpeto de transformação que o anima em direcção ao futuro. E têm que ir mais além: olhar a vida e os seus problemas, porque muitos deles aguardam e confiam numa intervenção de prevenção, de remedeio e reabilitação da parte do desporto.

A prática e a difusão crescentes do desporto requerem a correspondência, não menos gratificante, do seu estudo e reflexão. Estes obrigam-se a relacionar o desporto e o mundo, porque um explica o outro. Para compreender o primeiro é mister conhecer o segundo; mas também se pode olhar e interpretar o segundo a partir dos sinais que assomam à janela do primeiro. Ou seja, o desporto não limita, fecha ou isola; pelo contrário, através dele pode-se e deve-se viajar pela vida e pelo mundo e fazer incursão em ambos, com intenções e fins atinentes a um modo alargado e profundo de olhar e entender.

Enfim, a formação e a ciência desdobram-se, dia a dia, no esforço de reinventar e fabricar novas palavras, ideias e teorias, encorajando pessoas e organizações a servir-se delas. Os seus protagonistas entregam-se à tentativa infundável da descoberta renovada do sentido do desporto e da vida e da modalidade do comprometimento com ele.

Este contexto coloca as instituições universitárias de formação e investigação perante um agudo e crítico desafio e mesmo dilema: o de corresponderem às exigências de 'relevância' e utilidade colocadas pela sociedade, porém sem se despedirem da tradição de visão de longo prazo (NEAVE, 1995).

A Universidade era, até há pouco tempo, uma instituição cuja essência estava acima do imediato, estava no mundo mas não era dele. O seu papel era

o de visionar a sociedade e de permitir que esta se visionasse a si própria a longo prazo e segundo bitolas intelectuais, culturais e morais. Doravante o grande repto lançado às instituições universitárias, colocando-as sob a pressão de atenderem às exigências do pragmatismo e do imediatismo para não sofrerem a acusação e o estigma de elitismo e ou de irrelevância, é o de saber se continuarão a funcionar como instituições que disponibilizam à sociedade possibilidades e vias alternativas para analisar o presente e moldar o futuro ou se renunciarão a esta função. Mais, se cederem a essa pressão e tentação, quem as substituirá no cumprimento daquela tarefa multi-secular de que a sociedade actual tanto carece? E qual o preço que a sociedade virá a pagar por uma tal deriva e subversão?

Transportemos estas questões para o nosso campo e procuremos dar algumas respostas.

A missão das instituições de Ciências do Desporto não se esgota numa tarefa única, mas sim em várias e todas elas conjugadas na causa de impulsionar um entendimento e uma vivência do desporto à altura das carências e preceitos do nosso tempo. Por outras palavras, a formação e a investigação obrigam-se a ir além da ciência, da difusão e da criação do saber; a integrar-se no elenco dos esforços e instrumentos de modelação do desporto e da vida, na esteira de um *comprometimento ético e cultural*. Precisando melhor, a pesquisa, a elaboração e a formulação de conhecimentos, de pareceres, de posições e recomendações têm que chamar cada vez mais a si, de forma activa e ofensiva, o cumprimento do dever de elevar e enobrecer uma parcela importante do processo civilizatório. Só assim poderão manter-se fiéis ao princípio da responsabilidade, isto é, ao primeiro e cimeiro de todos os princípios (BENTO, 2004).

Por isso há que reafirmar que a Universidade não é somente uma instituição para estudantes. Nem apenas para os dotar e potenciar com conhecimentos científicos. Ela tem que os formar com o saber que releva do humano, do cultural, do ético e do moral. Não pode deitar fora a obrigatoriedade de assumir um *protagonismo axiológico*, de iluminar o desporto, as suas organizações e os seus sujeitos e actores com a luz de axiomas e normativos que o fundam como um sistema humana e moralmente bom.

É óbvio que a Universidade não é uma entidade de matriz religiosa, não vive da prática das virtudes cristãs, nem da imitação dos santos. Não vive da renúncia ao mundo e do recolhimento. Tem valores próprios, mas não é curial que se enclausure neles. É imperioso que

esteja no mundo e que intervenha de modo responsável e empenhado na configuração da realidade. Com todos os outros parceiros e, quando necessário, contra eles. Porque é essa a sua vocação suprema e a maneira superior de cumprir a sua inalienável missão e obrigação.

Assim não é defensável ‘reformatar’ as instituições universitárias para as sujeitar ao serviço de interesses espúrios; precisam, sim, de ser melhor formatadas como centros comprometidos com as causas primeiras e cimeiras da sociedade e Humanidade. Não podem e não devem servir mais ninguém.

Estuda-se e investiga-se porque há, dentro de nós, a curiosidade e apetência para enfrentar e responder à necessidade de esclarecer os fenómenos e as coisas, de pôr a nu as diversas formas de hemiplegia espiritual e moral. Habita-nos o desejo de tentar cavar no contexto histórico possibilidades de reconfiguração da vida. Ou seja, de entender e ajudar a ver a história e a vida entrelaçadas numa criação mútua e permanente.

É por isso que também se estuda e investiga na nossa área. Para impulsionar um entendimento e uma vivência do desporto à altura das premissas e necessidades culturais vigentes. Assim a formação e a investigação almejam ser um sistema de ideias vivas que represente o nível superior de desafios, exigências e aspirações próprias de cada era. Atribuem-se a *incumbência de formar pessoas cultas* que se meçam e sobreponham ao seu tempo, abertas à compreensão dos problemas, das suas causas e conseqüências; e disponíveis para todo o esforço de ser autêntico, de criar as suas convicções próprias, para não se deixarem aprisionar nas certezas e nos dogmatismos e fanatismos dos mais distintos matizes.

Tenho para mim, amparado em Ortega y Gasset, que a formação e a investigação querem ser uma fonte de parâmetros e ideais dos quais possa viver o desporto e com os quais o possamos viver, lidar com ele, agir nele, cuidar dele; uma fonte de alguma coisa maior e mais importante, portadora de sentido e justificação para a sua existência e para o acto de o pensar e fazer, porquanto nós somos as nossas ideias e as coisas também o são (ORTEGA y GASSET, 1999).

O mesmo é dizer que a formação e a investigação configuram uma força espiritual e reformadora do desporto e da vida colectiva e individual. Contrapõem-se à arrogância e ao poder das forças da frivolidade e da insinceridade, da estupidez, mesquinhez e irracionalidade que teimam em comandar os destinos, em manietar e atrasar o passo do

progresso comportamental, ético e moral. Precisamos tanto - ou ainda mais! - deste como do progresso científico e tecnológico.

Não chega, pois, formar quadros mais ‘eficazes’ e ‘práticos’, mas pobres de espírito, de pensamento e de conhecimento do teor cultural e humanizante do desporto, coadjuvantes portanto na perversão da sua identidade e finalidade. Porque a esses assenta que nem uma luva o reparo de Mark Twain: “Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos”.

Sim, não chega formar “idiotas da objectividade”, cegos ao “óbvio ululante”, como diria Néelson Rodrigues, quadros herméticos, carregados de certezas e seguranças, que apenas expressam o medo de se abrir à genuína complexidade do mundo. Pelo contrário, esta hora exige a formação de quadros realmente ‘superiores’; ilustrados e elevados acima da vulgaridade e banalidade, hermeneutas capazes de inteligir o desporto e de o situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, à altura do seu tempo; capazes de viver a sua inteligência e de viver a partir dessa faculdade maravilhosa que é a de percebermos a nossa própria limitação.

Recorramos novamente a Ortega y Gasset: “para andar com acerto pela selva da vida é preciso ser culto, é preciso conhecer a sua topografia, suas rotas ou ‘métodos’, ou seja, é preciso ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive, uma cultura actualizada. Pois bem: essa cultura, ou se recebe ou se inventa. Aquele que tiver arrojo para comprometer-se a inventá-la, ele sozinho, para fazer por si o que trinta séculos de humanidade já fizeram, será o único que terá direito de negar a necessidade de que a Universidade se encarregue antes de mais nada de ensinar cultura. Infelizmente, esse único ser que poderia, com fundamento, opor-se à minha tese seria (...) um demente” (ORTEGA y GASSET, 1999).

Do mesmo pensador provém ainda - e com toda a fulgurância, urgência e actualidade - um outro alerta iniludível. A vida e qualquer das suas parcelas carecem sempre de ser regidas por um *poder espiritual*, por um pensamento correcto, por um sistema de categorias mentais que se envolva com as coisas, que contemple as coisas em ordem e a ordem das coisas. Porquanto a ausência de um pensamento iluminado pelo clarão e rigor das ideias e perspectivas e pela procura da verdade priva os homens da possibilidade de viver com dignidade e de maneira autenticamente humana; privados de condições para fazerem frente a todos os desafios e problemas iminentes ao plano e às premências da vida.

Acresce, como muito bem hoje se percebe com toda a nitidez e impacto negativo, que os antigos *poderes espirituais* desapareceram para ceder o lugar aos *media*. O próprio Estado democrático passou a ser regido por uma opinião divulgada e publicada, que igualmente se oferece e impõe aos cidadãos, para os sujeitar, condicionar e manipular. E não é novidade para ninguém que os *media* deformam, distorcem e invertem a realidade, reduzindo-a ao instantâneo e este ao aliciante e retumbante, ao escandaloso e gerador de polémica. O substantivo e duradouro é relegado para segundo plano ou até esquecido, surgindo no seu lugar o superficial e efêmero. Uma situação aberrante!

A ética encontra-se amordaçada e a decência emigrou para parte incerta. Logo é imperioso trazê-las de volta às luzes da ribalta, nomeadamente reforçando o seu cultivo e observância na formação de quadros universitários. Para que as instituições de formação e investigação se imponham como um poder espiritual superior e reformador que represente o comedimento e a serenidade diante do frenesi, o discernimento e a razão diante da confusão, a parcimónia e o rigor diante da leviandade, a austeridade e sensatez diante da

jactância e do estardalhaço. Não que se arroguem a pretensão de ser modelo do mundo ou de possuir a explicação para tudo, mas querem e podem participar na tarefa de o explicar e de lhe traçar um rumo.

Enfim, a formação e investigação reclamam, com redobrada insistência, um *protagonismo axiológico*. A sua função primordial é a de reavivar e espicaçar a consciência acerca do modo como a questão da dignidade do homem é abordada e concretizada no desporto. É a de pugnar pela elevação da qualidade do desporto, alicerçada em padrões culturais e civilizacionais, em critérios éticos e humanos. A de ajudar a entender e construir o sentido de um desporto melhor; a de se consagrar à configuração de um fenómeno universal, que vem do fundo do tempo em que os homens se ergueram do chão e ousaram fitar o céu e sonhar com o infinito. Tomando na devida conta o reparo de Carlos Drummond de Andrade: “O importante não é estar aqui ou ali, mas ser. E ser é uma ciência delicada, feita de pequenas-grandes observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos estas observações, não chegamos a ser: apenas estamos e desaparecemos”.

## Das competências e obrigações

À luz do que atrás ficou dito, a formação de mestres e doutores deve procurar orientar-se para a criação de uma consciência e de um perfil de competências e obrigações que façam jus à responsabilidade que pesa sobre os ombros desses quadros.

1. A Universidade tem como distintivo essencial a investigação e como função primeira a preparação científica, espiritual e cultural dos seus estudantes. Assim, à cabeça do corpo de aptidões e disposições que estes devem exhibir, emerge a formação da necessidade de acumular e renovar conhecimentos, ideias e perspectivas. Muito a propósito vem esta citação do grande escritor e pensador Miguel Torga: “O que me salva nesta existência repetitiva é a minha capacidade de renovar incessantemente a visão das coisas”.

Ao cabo e ao resto um mestre ou doutor deve olhar-se e medir-se no clássico *mito de Sísifo* que representa a *condenação do Ser Humano*, um fardo do qual não consegue nem é legítimo subtrair-se, sob pena de renunciar à sua condição e mister.

Como é sabido, o homem constitui o único ser existente no universo que busca permanentemente *conhecer* (o mundo, o contexto e as circunstâncias) e *conhecer-se*. Esta conduta é inerente à sobrevivência e à afirmação da sua especificidade humana: *Ser curioso*. Como tal está condenado à educação e formação, à pesquisa e procura do saber, a aprender e a interrogar-se, a um *trabalho permanente e inacabado* que implica colocar em causa os resultados obtidos e recomeçar sempre. Nisto se inspira a produção do conhecimento científico. Esta tarefa distingue-se (e cumpre-se) pelo seu carácter sistemático, pela utilização consciente e explicitada de um método. Mais, esse labor consiste numa perseguição interminável da verdade, através de um saber provisório e conjectural, empiricamente refutável. São estas características da actividade científica e reflexiva que permitem comparar a aventura humana do conhecimento à condenação a que os deuses sujeitaram Sísifo: ter que realizar e retomar incessantemente a mesma tarefa, sem jamais expiar a culpa, cumprir a pena e satisfazer a condenação.

Não se perca de vista que o conhecimento, tal como a formação e a cultura, parte da noção da falta e está ao serviço da superação das insuficiências, da necessidade de viver, de conceber e realizar a vida num patamar superior. Por outras palavras, o conhecimento tem uma função instrumental: faz-nos evoluir e, por isso, pode tornar-nos seres humanos melhores. ‘Melhor’ é sinónimo de aprimoramento individual, contribuinte para o bem colectivo. Este aspecto não é de somenos importância; não pode ser negligenciado na pós-graduação.

2. Contudo a competência científica será incipiente, falha e manca, se não estiver estribada numa razoável *formação filosófica*. Não é possível efectuar uma empresa de vulto científico, sem uma clara e firme visão epistemológica. É certo que, aqui e ali, ainda se fazem ‘discursos’ de desvalorização da Filosofia, procurando submetê-la ao ridículo e colocá-la em posição de inferioridade e até de antagonismo relativamente à ciência.

Isto leva-nos a recordar que a Filosofia padece do mal que ela quis, pela mão de Platão, fazer a outras áreas de conhecimento. Com efeito, o discípulo de Sócrates tentou desacreditar os mitos da poesia (inclusive fustigando Homero) e da dramaturgia. Celebrou Sócrates e a Filosofia como fontes exclusivas da sabedoria. Porém, numa densa e extensa análise comparativa de obras célebres em diferentes épocas e contextos sócio-culturais da civilização humana, Harold Bloom conclui que “a literatura sapiencial é mais poética do que filosófica”. Mais ainda, ele reconhece a “implicação cognitiva do saber poético” (BLOOM, 2005).

Ao dizer isto, Bloom não pretende retirar à Filosofia a qualidade de fonte de sabedoria; mas antes fundamentar a abordagem poética como uma maneira de filosofar, porventura mais profunda e bem próxima da autenticidade da vida, que ela retrata de modo sentido e dorido. Há, pois, como que uma fusão entre as duas formas de inquirir e saber. O que é bem visível, por exemplo, na obra de Fernando Pessoa.

Importa reter que a Filosofia é fonte de sabedoria, coabita com a razão científica e fecunda-a, tal como a outras formas e expressões da razão. Foi assim no passado e muito mais deve ser no presente; a conjuntura actual da vida e da sociedade aconselha a atribuir uma relevância crescente à Filosofia, a torná-la mesmo indispensável<sup>6</sup>.

Sófocles (497 ou 495-405 a.C.), autor de obras-primas da tragédia grega, tais como *Antígona*, *Electra* e

*O Rei Édipo*, quando perguntado por um discípulo acerca do castigo reservado àqueles que não filosofam, foi peremptório na resposta: “É a vida que levam! É serem o que são e não serem a pessoa que deviam ser”. Em contrapartida os que filosofam são seres quase felizes, quase perfeitos, quase divinos - assim os viu e reverenciou Pitágoras (c.570-c.496 a.C.), que cultivou a intimidade da Filosofia e Matemática.

Realmente a vida que se leva mostra-nos a pessoa que se é por fora. E esta dá-nos a imagem da pessoa que se é por dentro. Da pessoa essencial e autêntica. E como são inquietantes tantas maneiras levianas e impensadas de realizar a existência! E como é chocante a pobreza filosófica e cultural de muitos mestres e doutores! Quão embotado e tacanho, débil, apagado e sem brilho é o seu raciocínio!

Ora um mestre ou doutor tem que ser capaz de responder, com uma razoável desenvoltura, a estas perguntas essenciais:

*O quê?* – Pergunta da Ontologia

*Para quê?* – Pergunta da Teleologia

*Como?* - Pergunta da Ciência

*Porquê?* – Pergunta da Filosofia.

Todas elas - e não somente a última! - requerem a ajuda e o arrimo da Filosofia. Sem esta, o labor científico fica muito aquém do seu genuíno alcance e contenta-se com uma expressão reduzida, característica de quem não chega ao ser que transporta em si.

Precisamos ainda da Filosofia para realizarmos o mais difícil de todos os ofícios, no dizer de Sócrates: o de nos conhecermos a nós mesmos e de percebermos as diversas e contraditórias pessoas, os heterónimos, que perfazem o nosso EU. Conhecermo-nos - eis um ofício tão exigente quanto imprescindível, porquanto “aquele que não consegue ver-se a si próprio talvez afinal não exista”, como afirmou o jesuíta espanhol Baltazar Gracián (1601-1658).

Para estarmos à altura da função académica e universitária e da nossa identidade e dignidade, para fazermos face a um tempo conturbado e asoberbado por dilemas, ansiedades e angústias, para reaprendermos a ver o mundo temos que trazer de volta à pós-graduação a importância da Filosofia. Ela não vai anular a gravidade dos problemas, mas não permite que eles nos surpreendam, arrasem e esmaguem e dá-nos força para os enfrentar, como assinala Fernando Savater: “Quando o número de perguntas e a sua radicalidade envolvem claramente a fragilidade receosa das respostas disponíveis, talvez tenha chegado a hora de recorrer à filosofia. Não tanto



pelo afã dogmático de dar um remédio rápido para o desconcerto, mas para utilizar este a favor do pensamento de que o tornarmo-nos intelectualmente dignos das nossas perplexidades é a única via para começar a superá-las” (SAVATER, 1991).

3. Em terceiro lugar e em decorrência do ponto anterior, embora não forçosamente por esta ordem, um mestre ou doutor tem que fazer uso da *capacidade de sonhar o Grande*. Ou seja, a formação científica é inquestionável e indispensável, mas não constitui pressuposto bastante, se fechar o círculo em torno de si. Como afirma a escritora Nélia Piñon, “ninguém pode ser grande sem uma sólida formação e sem digerir o que é Grande”.

O significado da citação anterior vê-se reforçado e aumentado com estoutira de Albert Einstein: “A imaginação é, de longe, muito mais importante do que o conhecimento”. E encontra respaldo na tese do escritor e pedagogo Laurence Peter (1919-1990): “A competência, tal como a verdade, a beleza e as lentes de contacto, está nos olhos de quem vê”.

Tudo isto vale para dizer que, sem ter a capacidade de ver, perceber, admirar, idealizar, sonhar e almejar o Grande, a formação de mestre e doutores fica aquém das expectativas que recaem sobre eles. Sendo verdade que onde Sancho Pança vê moinhos, D. Quixote vê gigantes, é expectável que um mestre e, sobretudo, um doutor veja muito além e acima do senso comum e se deixe guiar por visões de idêntica envergadura. O seu gabinete e trabalho devem constituir um ‘sonhatório’ e uma varanda, onde se idealizam e fazem exercícios de alteridade, apostados em escapar à estreiteza do mundo, ao modo atrofiado, tolhido e enfezado de o captar e perspectivar.

Para tanto deve adquirir o hábito e a rotina de pensar. *Pense!* - eis a intimação da IBM, que encontra eco no apelo da Apple: *Pense de uma forma diferente!* O pensamento compensa as falhas e limitações da visão e dos outros sentidos; é uma prótese para atenuar as dificuldades de olhar e ver, de captar e sentir.

Um mestre ou doutor tem que crescer e aparecer como um livre-pensador: pensar livremente, sem peias e torpores de ordem ideológica ou afim. Se assim não agir, prescinde da dimensão humanista e enquadra-se neste vaticínio do escritor Eça de Queiroz (1845-1900): “O homem, à maneira e medida que perde a virilidade do carácter, perde também a individualidade do pensamento. Depois cai na ignorância e vileza”. Que triste destino, que condenação abjecta, ainda por cima aceite por *motu proprio!*

Com isto não estou apelando ao cultivo do frio individualismo e do lucrativo e abjecto calculismo; tenho filiações, agregações e relações e não consigo viver sem elas. Sei o que é ser cúmplice e solidário, mas não me entendo com o espírito de rebanho, nem consigo ver como é que um académico pode, com tal servilismo e diminuição, reclamar honorabilidade e respeitar a sua condição. Nas suas abordagens ele deve querer parecer e ser um fugitivo; alguém que foge de credices, suposições e adesões antigas, ocas e gastas e procura ir na direcção contrária a alguns juízos e preconceitos ainda assaz comuns e em moda. Procurar ser diferente, não por gosto ou pedantismo e exibicionismo, mas antes por lema, inerência e obrigação incómodas. Fugir do rebanho e do gorduroso odor ao estábulo, a sete pés!

Mário Quintana estava carregado de razão, ao afirmar: “Cada um pensa como pode”. E Max Weber também: “Cada um vê o que tem no coração”. Sim, o pensamento e o coração casam-se em comunhão de bens; condicionam-se mutuamente. Quem se compraz com o baixo pensa baixo; quem tem prazer com o alto levanta o pensamento a esse nível.

Estes versos de Bárbara Heliadora foram, muito provavelmente, feitos a pensar em alunos do ensino básico e fundamental, mas não é demais recomendar a sua leitura e a ponderação do seu alcance para os estudantes da pós-graduação:

Meninos eu vou ditar  
As regras do bem viver.  
Não basta somente ler.  
É preciso ponderar,  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz sábios é o pensar.

4. A formação de mestres e doutores deve visar, entre os vários objectivos, que eles assumam progressivamente o papel de intelectuais, aptos e esclarecidos para intervir na discussão pública dos assuntos da sua área e dos problemas da vida e do mundo. Para tanto precisam de:

- Pensar sem limites, como ficou dito e justificado atrás, sem ideias e juízos preconcebidos, porquanto as mentes são como os pára-quadras: só funcionam quando estão abertas.
- Pensar para além do particular, em nome do universal, isto é, ver e tornar o local sem paredes, não ser murado nos olhos e na alma.
- Introduzir o universal no particular: importar valores e fundamentos universais para as acções

humanas, procurando revesti-las, enformá-las e apreciá-las nessa conformidade.

- Ser intermediários ou ‘passadores’ entre o mundo das ideias e a praça pública ou cidade.

Como escreveu Edward Said (1935-2003): “O lugar provisório do intelectual é o domínio de uma arte exigente, resistente, intransigente, na qual, lamentavelmente, ninguém se pode refugiar, nem buscar soluções”. Seu papel é “num modo dialético, oposicionista, revelar (...) e desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto como a quietude normalizada do poder invisível” (SAID, 2007).

Quando consultamos as obras de Pierre de Bourdieu, ressaltam à vista os reptos e obrigações a assumir pelos intelectuais como *seres bidimensionais*: competência no seu campo autônomo e comprovação da sua perícia e autoridade numa actividade política exterior ao seu múnus particular. Eles devem oscilar entre o recolhimento e a exposição pública, entre o silêncio e a intervenção, consoante a autonomia racional seja respeitada ou ameaçada pelas circunstâncias e poderes instituídos. Acresce ainda o dever de se envolverem na defesa de causas universais e na transgressão da ordem ou moda vigente, quando estas sejam rasteiras ou iníquas. No fundo, os intelectuais devem filiar-se no *partido do contra*, isto é, situar-se e afirmar-se sempre a favor da Humanidade.

Pelo mesmo diapasão afina Magalhães Gomes, pioneiro da pesquisa nuclear no Brasil: “O filósofo, o humanista, o cientista podem continuar na sua torre de marfim para contribuir com as meditações que fazem no seu gabinete, na sua biblioteca, no seu laboratório, para aumentar e enriquecer a inteligência e o espírito do homem. Essa torre, porém, deve ter uma janela de onde se observa o mundo e uma porta para que, quando a ocasião o exija, eles participem das agruras dos seus irmãos e os sirvam com sua sabedoria e seus conselhos. Compete a todos correrem o risco e a responsabilidade da condição humana. No convulsionado mundo de hoje, o engajamento não é só um imperativo moral, é também uma contingência”.

5. Mestres e doutores são profissionais da palavra e do ministério de a escrever e dizer com estilo erudito, elevado e perfumado, claro e sublime, ético e estético. Devem, pois, ser formados como cultores do uso maior e do poder superior da palavra. A lógica científica, epistemológica e filosófica pede a companhia colaborante de um correspondente nível retórico.

A Lógica é considerada a arte de bem pensar, de bem elaborar ideias e tudo o mais que queremos transmitir, enquanto a Retórica pode ser considerada a arte de bem expor e falar. A escrita é e sempre será uma arte de eleição, uma espada de lâmina afiada e cortante. A Palavra é contra o analfabetismo, a injustiça, a falsificação, a farsa, a deturpação e a mentira.

Mestres e doutores são concomitantemente oficiantes da Lógica, da Retórica e da Palavra. Devem saber que a verdade mora nos interstícios das palavras. E que a linguagem, seja oral ou escrita, representa a forma das ideias. As palavras revelam a forma mental, a ideologia e o pensamento que as animam.

Convergente neste entendimento e contrária às visões superficiais que fazem da linguagem um mero ornamento, paramento ou castiçal e desconhecem a sua primordial função, é esta elucidativa definição de Fernando Savater: “A linguagem é o tapete mágico simbólico deste permanente sobrevoar activamente a realidade para tentar chegar a ser plenamente real. Sem nunca o conseguir totalmente, claro...” (SAVATER, 2004).

É por isso que a boa escrita ou oratória não é fácil, nem provém da inspiração circunstancial e espontânea, mas da intensa e insistente transpiração. É muito difícil, custa exercitação aturada, suada e recorrente; exige o conhecimento das regras gramaticais, um apurado sentido da ética e estética das palavras, a mestria do assunto tratado, a sensibilidade para se meter na pele do leitor ou ouvinte, um grau elevado de consciência do mandamento de honrar o espírito de serviço público subjacente, que é o de contribuir para subir o índice de exigências de quem lê ou escuta. A linguagem não pede só clareza nas palavras e ideias; requer claridade que ilumine e incendeie a vontade, a alma e o coração do ouvinte ou leitor. Como diz Dad Squarisi: “Há palavras e palavras. Algumas informam. Outras emocionam. Há as que mobilizam para a acção. Todas têm hora e vez”.

Cabe aqui adicionar uma outra e fundamental razão para sustentar e enfatizar a necessidade de que a elevação da linguagem seja uma preocupação importante na formação de mestres e doutores; e nada melhor do que pedi-la emprestada a Wittgenstein, uma autoridade na matéria: “Os limites da nossa linguagem são os limites do nosso mundo”. A linguagem alarga e abre horizontes; e também os fecha, quando é entrevada e rasteira.

A palavra é sobretudo expressão da ausência de coisas que não temos, do que ainda não somos. Invoca e

provoca. As palavras, que fazem com que as coisas elevadas desapareçam, criam o sentimento de perda, de ausência e vazio. Assim a proficiência de um cientista e intelectual vê-se também na capacidade de inventar palavras novas, substantivas e aumentativas, sugestivas, leves, azuis, aladas, criadoras... que levem os outros a levantar voo e seguir viagem até às estrelas mais distantes.

Mestres e doutores devem ser - como diz Ademar Ferreira dos Santos acerca de Rubem Alves - pedagogos (...) “da sensibilidade essencial”. Aspirar não “a converter, mas a enternecer, ou seja, a engravidar de beleza os ouvidos que o escutam e os olhos que o lêem”. A ser “uma luminosa instigação ao encantamento”. A ir além do “domínio da estrita racionalidade” e cultivar a “pura magia amorosa”. Quem os ler e ouvir há-de assim desejar “ouvir-se enternecidamente a si próprio e ver-se a uma nova luz...” (ALVES, 2003).

Para isso um mestre ou doutor precisa de escrever e falar como quem faz fotografias coloridas com as palavras. Para fazer ver e para semear, com o desejo de que alguém veja e colha aquilo que lhe escapa. Precisa de ser um artífice da palavra, para corresponder ao preceito de tentar recriar e mostrar a inesgotável novidade do Mundo.

Perante o rolo compressor da globalização e o alastramento da onda do *relativismo cultural* e de todas as sequelas do *elitismo invertido* que lhe está associado - o culto e a adulação do grotesco, do boçal, do popularucho, do bacoco, do fácil, do ordinário, do reles e inestético; o avanço e predomínio da ética indolor, do relaxamento e do abaixamento normativo - é fulcral preservar, num nível superior, a norma social, a cultura, a técnica e a linguagem que são, no dizer de Fernando Savater, as instituições da liberdade (SAVATER, 2004).

Digamo-lo sem rodeios: é inaceitável que um mestre ou doutor não respeite e domine a norma linguística. Não, não é o mesmo usar uma linguagem fina, escuriteira, plástica, arredondada, bela e apolínea ou escrever e falar com erros e tropeções gramaticais, com solavancos no encadeamento e conjugação dos termos, com palavras e frases frias e rudes, coxas, imperfeitas e inexpressivas, sem ritmo e harmonia, como um iletrado, um analfabeto e ignorante.

Diga-se ainda que a palavra não é inferior, nem anda desavinda da ciência. Ambas andam de mão dada e caminham lado a lado. A palavra vincula ao mistério; a ciência vincula às coisas. Na palavra mora a intimação da pergunta; na ciência mora a

possibilidade da resposta. A palavra mergulha no obscuro; a ciência vai pelo caminho da luz. A ciência está vinculada à racionalidade da cabeça; a palavra brota da sensualidade do coração.

Enfim é curial ter presente o imenso poder da palavra e não contornar a exigência de a aprimorar. É que são as palavras que criam o real e não o inverso. Aquilo que não tem palavras não existe ou está condenado a não existir. A arte, o rigor, a precisão, a elegância e a erudição das palavras criam uma realidade correspondente. Tal como fica bem expresso nestes versos da poetiza Sophia de Mello Andresen:

De longe muito longe desde o início  
O homem soube de si pela palavra  
E nomeou a pedra a flor a água  
E tudo emergiu porque ele disse.

6. A carreira científica deve lançar os caboucos do caminho que leva do conhecimento à sabedoria. Esta tem implícita a capacidade de delimitar bem as tarefas, de aprender a ignorar o que deve ser ignorado e de eleger o que merece atenção e empenhamento e deve ser proclamado.

A toda a hora temos que recomeçar o texto da vida e reinventar as margens que o seu curso deve seguir. Afinal a vida é uma viagem; é nesta que a aprendizagem acontece e a pessoa amadurece. O saber vem-nos do sabor que a viagem oferece. Estamos e somos em trânsito, num mar salgado e fundo de doce encantamento e também, não raras vezes, de ácida desilusão, que deve ser revertida a nosso favor.

Nesta conformidade o grau de mestre ou doutor deve assemelhar-se a um estandarte, que convida para uma nova viagem, constantemente aferida e renovada, que proporcione o lídimo saber e seja coroada pelo enlevante sabor de um bandeirante cioso de enobrecer e degustar a vida. Por outras palavras, é expectável e desejável que se caminhe do conhecimento para o saber, sendo este convidado a anular-se e abrir-se a cada vez mais ao sabor. Como propõe Roland Barthes:

*Sapientia*: nenhum poder,  
Um pouco de saber,  
O máximo de sabor... (ALVES, 2003).

Este desiderato vê fundamentada a sua legitimidade ao constatar-mos, como Hegel, que as pessoas ficam sábias sempre que já é demasiado tarde. Talvez porque “vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em

quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado” (SOARES, 2007).

Ocupemo-nos e realizemo-nos, portanto, com o fado e destino de clarear os nossos caminhos, para podermos projectar luz sobre os dos outros. Fazamos do Outro a nossa direcção. Tornemo-nos, pouco a pouco, passo a passo, pessoas sem idade, donas do tempo e da alegria, da beleza e sensibilidade, estrelas multiplicadas e repartidas pelos outros. Só assim ficaremos para além de cada dia e do tempo, como reflexo de tudo quanto derramamos pelo nosso caminho.

7. A sinceridade e a franqueza, embora não sejam muito premiadas na política, são grandes virtudes humanas, necessárias a um académico e imprescindíveis num professor. Na mesma apreciação se inscreve a generosidade; pode ser fraqueza e ingenuidade aos olhos da política e do mercado, mas não no campo da educação e formação. Ademais, disse Mahatma Gandhi (1869-1948), “o fraco nunca pode perdoar. O perdão é um atributo do forte”.

As qualidades anteriores mergulham numa outra, cujo exercício visível e intenso reivindica carácter de urgência no clima de mentira e oportunismo que nos cerca e ameaça de asfixia. O apego à verdade, à ética e ao empenhamento na defesa das causas da Humanidade e na denúncia dos interesses que contra elas atentam constitui uma das bandeiras mais exaltantes da Universidade. Logo esta não pode deixar de assinalar com tais balizas a formação de mestres e doutores. Não pode deixar de os sensibilizar para erguerem, com convicção e paixão, as bandeiras do humanismo, da universalidade e solidariedade.

Erguer tais bandeiras é hoje tão necessário quanto incómodo. Porque este é o tempo de Dom Quixote: de beirar a transcendência e sucumbir à desilusão. Um tempo que exige coragem para empunhar a bandeira dos princípios e valores: uma bandeira deveras pesada e perigosa que, no entanto, não estamos dispensados de levantar, de acordo com esta pertinente chamada de atenção de Tarphon: “Não sois obrigados a concluir a obra, mas tampouco estais livres para desistir dela”. E em concordância com a formulação de Mário Quintana: “A vida são deveres que nós trouxemos para fazer em casa”.

Ítalo Calvino, in *La città invisibili*, acorda-nos da insensibilidade e atinge-nos no centro da

consciência do desassossego e das nossas obrigações: “O inferno dos vivos não é algo que *será*: se existe um, é o que já está aqui, o inferno em que vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Há duas maneiras de não sofrê-lo. A primeira é fácil para muitos: aceitar o inferno e se tornar parte dele a ponto de não conseguir mais vê-lo. A segunda é arriscada e exige vigilância e preocupação constantes: procurar e saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não são inferno, e fazê-los durar, dar-lhes espaço” (BAUMAN, 2007).

Aderir à segunda maneira significa predispor-se a sofrer toda a sorte de pressões, aleivosias e insídias para aceitar o inferno. Todavia temos o dever de pressentir e lutar pelo novo, pelo mais e melhor. De não ficar à espera que o cavalo da sorte, fortuna ou felicidade venha ao nosso encontro ricamente ajazado.

É certo que muito do nosso imaginário, do nosso posicionamento ético e deontológico é povoado de idealismos, de utopias morosas de concretizar e de mitos que não se deixam alcançar. Mas há impossíveis necessários à ousadia de sonhar outra existência. Além de que a ilusão é o alimento preferido da felicidade. “Precisamos de mitos para tornar suportáveis os nossos dilemas irresolúveis.(...) Se fôssemos demolidores irresponsáveis de mitos, rasgaríamos os nossos direitos humanos e começaríamos de novo (...) Por enquanto, se quisermos continuar a acreditar que somos humanos, e justificar o status especial que nos atribuímos - se, na verdade, quisermos permanecer humanos através das mudanças que enfrentamos -, é melhor não descartar o mito, mas começar tentando viver à sua altura” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2004).

Alexander Aris, que em 1991 recebeu pela mãe Aung San Suu Kyi, em Oslo, o Prémio Nobel da Paz, explicou assim os termos da luta entre maldade e esperança, entre violência e dignidade: “Não podemos esquecer que a luta que se desenrola num jardim fortemente guardado em Rangun é parte de uma luta muito mais vasta, mundial, pela emancipação do espírito humano da tirania política e da submissão psicológica” (HAYAT, 2007).

Não me venham, pois, dizer que não temos nada a fazer, a não ser aceitar aquilo que esta fase exclusivamente negativa da globalização impõe por toda a parte. Isso não passa de um convite para cairmos na cobardia, na vergonha, na indolência, na indiferença, na acefalia, na acedia e desídia imorais e aviltantes. A nossa resistência, aqui e agora,

na arena e nas ameias da Universidade, é um contributo para a afirmação da necessidade e possibilidade de outra condição humana, de outra vida e forma de a realizar.

Talvez não possamos mudar a história e as circunstâncias; mas não devemos permitir que elas nos pervertam a alma. Sejamos humanos, muito

humanos, frontais, honrados, leais e decentes; e procuremos corresponder ao comovente apelo de D. Hélder Câmara, o insigne ex-arcebispo de Olinda e Recife: “Ah, se conseguíssemos o ideal de manter, permanentemente, em nós, o espírito da Lua crescente, o espírito da esperança!”

## Em jeito de conclusão

Ao concluir este texto invade-me uma viva sensação de incompletude, de fragilidade e nostalgia, semelhante à que mora nestas palavras de Friedrich Nietzsche: “Quando se acabou de construir a própria casa, nota-se, de repente, que se aprendeu qualquer coisa que, pura e simplesmente, já se devia ter sabido antes de começar. O eterno e triste “demasiado tarde”! A melancolia de tudo o que está pronto”.

Para adensar a insatisfação, aguda e incómoda porque contém algum sabor a frustração, contribui igualmente esta subtil acusação de Mário Quintana: “O falante diz uma coisa. O ouvinte entende outra. E a coisa propriamente dita desconfia que não foi dita”.

Sim, desconfio que ficou por dizer aquilo que devia ser dito. Porventura a substância não logrou aflorar à superfície e oferecer-se ao leitor, de um jeito simples e aberto, transparente e convincente. Quem errou? É sempre o emissor da mensagem. O fracasso é dele. Pecou pela ingenuidade, ao não cuidar que o tema dá margem a muitas interpretações. Ao subestimar que a língua prega traições e que a mensagem pode desaguar numa leitura simplista. Para cúmulo, deixou-se enredar num rosário de piedosas intenções e bondosas exortações.

Ignorei a visão lúcida e sábia que adverte para não gastarmos o tempo a aprender o que não nos interessa, a andar na superfície, sem chegar à fundura da substância do nosso ser e destino. Sim, esqueci-me de que não se ensina nem tampouco aprende o essencial. Ele está subentendido e pertence à nossa essência. E esta ou a temos ou não; temo-la conforme ao que somos. Não somos o que não somos.

Desculpo-me com o facto de que idealizar, traduzir e representar a realidade é sempre um exercício imperfeito. E com a jubilosa esperança de que os leitores passem a habitar o castelo normativo que o escrivão tentou, em vão, construir.

Ora isto obriga-me a terminar com o pedido de que os mestres e doutores não sejam atingidos por este carimbo de Max Weber: “Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração” (ALVES, 2003). E de que não se deixem cair na armadilha da vaidade, basófia e pesporrência, enunciada nesta advertência de Platão: “Quando os homens tiverem compreendido muitas coisas, acreditarão serem muito sabedores e não passarão de ignorantes, na sua maioria, e de falsos sábios, insuportáveis na convivência da vida”.

## Notas

1. Terêncio (cerca de 190-159 a.C.), poeta cómico latino, escravo liberto, nascido em Cartago, distinguiu-se pela subtileza do espírito e pela preocupação com a moral. Ficou famoso por este verso tantas vezes citado: *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* (Sou homem e nada do que é humano reputo alheio a mim).
2. As *Sátiras* de Juvenal (aprox. 65-128 d. C.) são cheias de energia e indignação contra os vícios de Roma e constituem um monumento da literatura latina.
3. Caracala nasceu no ano 188 e foi imperador romano de 211 a 217. O seu reinado ficou manchado por um rol de crimes e insanidades. Mandou matar mais de 20 000 pessoas; morreu do mesmo jeito.
4. André Vesálio (1514-1564), o maior anatomista do séc. XVI, foi um dos primeiros a praticar sistematicamente a dissecação do corpo humano. Atacou as posições tradicionais de Galeno.
5. É sabido que considero os termos ‘desporto’ e ‘ciências do desporto’ como os mais abrangentes e apropriados para esta área. Mas não é este o local para aduzir as razões epistemológicas, racionais e lógicas que legitimam a minha posição.

6. Edmund Husserl refere que “a filosofia é uma ginástica intelectual terrível que você faz para conseguir ver aquilo que, desde sempre, estava na cara”.
- Por sua vez, Fernando Savater divide a filosofia em duas partes: *indagação* e *medicina*.
- Enquanto *indagação*, suscita aquelas perguntas mais gerais que almejam alcançar uma visão de conjunto, laica e racional, do que somos, do que fazemos e do que nos rodeia.
- Enquanto *medicina*, visa combater, com armas críticas, as superstições, os dogmas e juízos obsoletos que atormentam o indivíduo desejoso de ser livre em todas as épocas.

## Referências

- ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Porto: Edições ASA, 2003.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENTO, J.O. Da mudança e da sobrevivência do clube desportivo. In: CONGRESS OF THE EUROPEAN ASSOCIATION FOR SPORT MANAGEMENT. 6., Funchal, 1998. *Anais....* Funchal: EASM, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Desporto discurso e substância*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- BLOOM, H. *Onde encontrar a sabedoria?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. *Então você pensa que é humano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GODET, M. *Manual de prospectiva estratégica: da antecipação à acção*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- HAYAT, F. Na Birmânia, um dia. *Pública*, 30 set. 2007.
- NEAVE, G. On visions, short and long. *Higher Education Policy*, v.8, n.4, 1995.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Missão da universidade*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.
- SAID, E. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAVATER, F. *Ética para um jovem*. Lisboa: Presença, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A coragem de escolher*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- SOARES, M.B. *Incipit vita nova*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. [Publicação comemorativa dos 80 anos da UFMG].

ENDEREÇO  
Jorge Olímpio Bento  
Faculdade de Desporto  
Universidade do Porto  
R. Dr. Plácido Costa, 91  
4200-450 - Porto - PORTUGAL